



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10303 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

JUVENTUDE(S) QUE OUSA(M) LUTAR: O Movimento Estudantil Secundarista e o Processo de Consciência Política

Julia Rocha Clasen - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

JUVENTUDE(S) QUE OUSA(M) LUTAR: O Movimento Estudantil Secundarista e o Processo de Consciência Política

Resumo: Neste trabalho, se buscou refletir o processo de consciência política das estudantes mulheres que ocuparam suas escolas no ano de 2016, a partir da cidade de Pelotas/Rio Grande do Sul. Tendo como objetivo compreender: como o movimento de ocupação secundarista constituiu o processo de consciência política das estudantes que participaram da sua articulação? Para isso, foram realizados encontros com dois grupos de estudantes de duas distintas escolas, formulados a partir dos Círculos Epistemológicos (ROMÃO et al, 1998). A análise das narrativas dessas estudantes foi realizada por meio das sete dimensões psicossociais da consciência política, que são: 1) identidade coletiva; 2) crenças e valores sociais; 3) identificação de adversários e interesses antagônicos; 4) eficácia política; 5) emoções-sentimentos de justiça e injustiça; 6) vontade de agir coletivamente; 7) metas e propostas de ação coletiva, apresentadas no Modelo de Análise da Consciência Política. Por meio dessa análise, foi possível concluir, que a ocupação teve interferência no processo de consciência política das estudantes e gerou transformações tanto nas escolas, quanto naquelas que participaram do movimento.

Palavras-chave: Movimento Estudantil Secundarista; Consciência Política; Escolas de Luta; Círculos Epistemológicos.

Esse trabalho é estruturado a partir da dissertação desenvolvida no Mestrado em Educação, onde foi intencionado investigar o processo de consciência política das estudantes mulheres que ocuparam suas escolas no ano de 2016 na cidade de Pelotas-Rio Grande do Sul. Desenvolvida a partir da seguinte questão de pesquisa: como o movimento de ocupação secundarista que ocorreu no ano de 2016 no Brasil, com recorte na cidade de Pelotas/RS, constituiu o processo de consciência política das estudantes que participaram da sua articulação?

O movimento de ocupação que ocorreu no ano de 2016 no Brasil^[1], se refere a um movimento com caráter nacional, tanto em suas linhas políticas quanto no seu formato organizativo. Organizado em resposta a um conjunto de medidas impostas após golpe parlamentar que resultou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT) e posse do seu até então vice-presidente Michel Temer, do Partido

Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). As medidas apresentadas naquele período, representavam um ciclo de aprofundamento da exploração do capital, com significativa ameaça na permanência de direitos historicamente conquistados. Dentre esses, a educação era setor fortemente atacado, por meio de medidas como, a PEC 241/55[2] ou *PEC da Morte* como foi denominada pelos movimentos sociais, a Reforma do Ensino Médio[3], e, o Escola Sem Partido[4], que vinha sendo articulada desde 2014 e tomou espaço naquele momento político para ser apresentado enquanto projeto de lei.

Frente este cenário as/os secundaristas ocuparam as escolas públicas do país como meio de resistir as ameaças em curso. É preciso destacar, que esse movimento não insurge de maneira espontânea, mas é antecedido pela luta das/os secundaristas chilenos no ano de 2006 com a Revolta dos Pinguins[5], das/os estudantes argentinos[6] e das/os próprios estudantes brasileiros no ano anterior, no estado de São Paulo[7], os quais, ocuparam cerca de 220 escolas em resposta ao Programa de Reorganização Escolar apresentado pelo governo de Geraldo Alckimin do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

É com referência nesse repertório político (TILLY, 1995 apud ALONSO, 2012) constituído pelo movimento estudantil secundarista e pelos movimentos sociais da época, que, as/os secundaristas assumem, no segundo semestre do ano de 2016, a ocupação enquanto tática de resistência necessária ao período. Uma ação coletiva que tensionava barrar os ataques em curso, mas não somente isso, conforme a escola era vivenciada pelas/os estudantes como sua, novas pautas eram incorporadas ao movimento na intenção de transformar estruturas formadoras dessa instituição.

Durante as ocupações as/os secundaristas apresentaram um formato de atuação do *sujeito*[8] jovem na sociedade, historicamente ocultado pelo poder dominante[9]. A ação de ocupar as escolas se opunha a compreensão hegemônica de juventude, que afirma que o jovem ao ser *sujeito* em formação é incapaz, e apresenta uma condição de *dever*, enquanto *sujeito* que um dia será, mas ainda não é de fato *sujeito* (CASSAB, 2007). Assim, lhe é negado também o direito de reivindicação e formulação política. Em oposição a essa concepção, as/os jovens estudantes apresentaram com a organização de sua ação, possibilidades políticas e um projeto de escola que era esboçado na vivência cotidiana do movimento.

Quando pensamos essa ação coletiva, não apenas o protagonismo do *sujeito* jovem ressaltamos, mas é preciso também destacar que esse protagonismo político do movimento era das estudantes mulheres, que estiveram na linha de frente de sua articulação. Esse protagonismo foi delimitador também das linhas políticas incorporadas nas ocupações pelas/os secundaristas, enquanto uma organização que ultrapassava aquele momento, mas esboçava pretensões de construção na escola. Conforme uma estudante relata: “Aqui a gente colocou os meninos na cozinha. Isso não deixa de ser um projeto de sociedade. No momento em que a gente está aqui, tem que organizar comida para todo mundo, organizar segurança, organizar toda essa infraestrutura, é um projeto de sociedade [...]” [Nathália, Protrásio Alves] (GOMES e FOGLIATTO, 2017, p. 138).

A potencialidade presente nesse protagonismo feminista das ocupações é traduzida na organização do movimento, e, também formativa do processo de consciência política das/os secundaristas. Constituindo o que Mirla Cisne (2015) denominou, enquanto uma consciência militante feminista, onde as mulheres se percebem enquanto atores políticos com atuação e papel de transformação das estruturas de exploração e opressão de sexo, raça e classe.

Assim, interessou a pesquisa indagar, sobre a construção do processo de consciência política dessas estudantes mulheres que participaram do movimento de ocupação. Entendendo a consciência política enquanto expressão de uma das formas do processo de consciência, a

qual manifesta a apreensão de situações contraditórias que delimitam a vida social (IASI, 2011).

Por meio dessa intenção de pesquisa, foram desenvolvidos encontros investigativos com dois grupos de estudantes mulheres que ocuparam duas escolas localizadas na cidade de Pelotas-Rio Grande do Sul. Os encontros foram estruturados no formato de Círculos Epistemológicos (ROMÃO et al, 1998), os quais compreendem uma proposição de pesquisa formulada a partir dos Círculos de Cultura de Paulo Freire.

Nos Círculos Epistemológicos pesquisadora e *pesquisandas* se encontram enquanto *sujeitos* de pesquisa, ou seja, enquanto investigam são investigados, e mediante esse encontro, transformam suas concepções de mundo. Proposição pesquisa que se origina da compreensão freiriana de que a ciência é antes de tudo, um ato de (cons)ciência (ROMÃO et al, 1998).

O conhecimento formulado mediante esse encontro não se constitui a partir de um roteiro engessado, mas emerge do diálogo de diferentes perspectivas, na busca de formular um conhecimento comum, delineado a partir da formação e transformação dos *sujeitos*. O conhecimento anunciado nos círculos, pressupõe uma procura emancipadora por Ser Mais, enquanto uma busca permanente, que parte da compreensão dos *sujeitos* sobre a sua própria condição ontológica de incompletude, inconclusão e inacabamento (FREIRE, 1987).

Deste modo, no formato dos Círculos Epistemológicos os encontros realizados com as estudantes apresentaram narrativas sobre a experiência de ocupar suas escolas e como o movimento influenciou sobre a sua atuação e engajamento político no momento posterior a ocupação. As narrativas das estudantes em alguns momentos entravam em contraposição entre si, e apresentavam distintas perspectivas e entendimentos sobre o que foi o movimento de ocupação para elas, assim como, também em alguns momentos se complementavam, enquanto uma experiência compartilhada e que deixou marcadores semelhantes.

As narrativas das estudantes foram analisadas por meio das sete dimensões da consciência política, propostas pelo Modelo de Análise da Consciência Política (SANDOVAL, 1989, 1994, 1997b, 2001 apud SANDOVAL e SILVA, 2016), sendo elas: 1) identidade coletiva; 2) crenças e valores sociais; 3) identificação de adversários e interesses antagônicos; 4) eficácia política; 5) emoções-sentimentos de justiça e injustiça; 6) vontade de agir coletivamente; 7) metas e propostas de ação coletiva. Essas sete dimensões indicam aspectos psicossociais que formam a consciência política, e, a decisão dos *sujeitos* sobre como agir diante de determinados contextos políticos (2001 apud SANDOVAL e SILVA, 2016).

A análise das narrativas perante o Modelo de Análise da Consciência Política pronunciou elementos que delimitam a ação coletiva das estudantes e a decisão de ocupar suas escolas, assim como, o seu engajamento político em momentos posteriores a ocupação. É possível dizer que a ocupação teve influência no processo de consciência política das estudantes, e transformou suas concepções de mundo, assim como, apresentou formatos de atuação individual e coletiva que se desdobram em contextos futuros.

As ocupações também constituem uma Memória Política (HERNANDEZ, 2020) das estudantes, enquanto momento que não seria facilmente esquecido ou apagado pelo poder hegemônico, mas permanecia como experiência formativa delas. Essa memória política também foi acentuada no encontro das estudantes a partir dos Círculos Epistemológicos, ao lembrarem coletivamente momentos da ocupação e, construir novos significados sobre a experiência compartilhada.

A ocupação, enquanto uma das primeiras experiências militante das estudantes,

representou um momento marcante, na construção da sua decisão de atuar politicamente, deixando indicativos sobre a luta política enquanto uma possibilidade, e para algumas, enquanto uma necessidade decisiva em sua vida. A vivência da ocupação foi marcante às estudantes, principalmente, pelo seu reconhecimento enquanto grupo político, ao formar uma identidade coletiva que sustentou aquela ação de maneira organizada por tanto tempo. Ao ocuparem suas escolas, essas sabiam diante do que resistiam e tinham metas políticas que iam em encontro com um desejo de mudança social, motivo pelo qual o movimento se manteve por tanto tempo e representou um processo de politização daquelas que participaram de sua articulação.

Referências

- ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Revista Sociologia e Antropologia*. v.02.03: 21-41, 2012.
- CASSAB, Clarice. O Lugar da Juventude: espaço-temporalidades da noção de juventude. *Anais do XXVI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007. Disponível em: Acesso em: 10 de julho de 2019.
- CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. São Paulo:Cortez, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Luís Eduardo; FLOGIATTO, Débora. O que os alunos têm a dizer? In.: CATTANI, Antonio David (org.) **Escolas Ocupadas**. Porto Alegre: Cirkula, 2017.
- HERNANDEZ, Aline Reis Calvo. Memória Política: Contexto de experiências e gesto metodológico. In.: HERNANDEZ, Aline Reis Calvo et al. **Psicologia Política e Memória**. (orgs.).1ª ed. Curitiba: Appris, 2020.p. 13-29.
- IASI, Mauro Luis. **Ensaio Sobre a Consciência e a Emancipação**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- KILOMBA, Grada,1968. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Jess Oliveira (trad.). 1ed., Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone Evangelista; CARRÃO, Eduardo; COELHO, Edgar. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. *Revista Educação & Linguagem*. Programa de Pós-Graduação em Educação: Universidade Metodista de São Paulo. V. 1, n.1. São Bernardo do Campo :UMESP, 1998.
- SANDOVAL, Salvador; SILVA, Alessandro Soares da. O Modelo de Análise da Consciência Política como Contribuição para a Psicologia Política dos Movimentos Sociais. In.: HUR, Domenico Uhng; JÚNIOR, Fernando Lacerda (orgs.). **Psicologia, Políticas e Movimentos Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

[1] No dia 28 de outubro de 2016, a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) lançou uma lista com as escolas ocupadas. Eram 1197 escolas. Disponível em: <<http://ubes.org.br/2016/ubes-divulgalista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-das-mobilizacoes/>> Acesso em 08 dez. 2017

- [2] A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que tramitava no governo de Temer (PMDB) no ano de 2016, apontava a instituição do Novo Regime Fiscal, estabelecendo limites para os gastos públicos em educação e saúde por vinte anos.
- [3] A Reforma do Ensino Médio, em sincronia com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) previa uma reestruturação da organização e do currículo escolar que afetavam a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).
- [4] O Escola Sem Partido, pautou a criminalização de educadores e do pensamento crítico, associando o ato de educar criticamente a uma “doutrinação política e ideológica”.
- [5] Em 2006 os estudantes secundaristas chilenos ocuparam suas escolas e protagonizaram mobilizações massivas nas ruas, o movimento ficou conhecido como Revolta dos Pinguins.
- [6] O Manual “como ocupar um colégio” traduzido pelo coletivo O MAL-EDUCADO e produzido por estudantes da Argentina e do Chile, deixa indicativos ao movimento estudantil secundarista latino-americano sobre como ocupar as escolas e manter o movimento de ocupação. Disponível em: <<https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>>. Acesso em: 8 de maio de 2019.
- [7] O Programa de Reorganização Escolar imposto pelo governo de Geraldo Alckmin (PSDB) apresentava como objetivo a organização da escola em ciclos de ensino, impactando no fechamento de escolas e remanejamento de milhares de alunos e professores para outras escolas.
- [8] Ao longo do texto, quando necessário, utilizo o termo *sujeito* para designar atores sociais e as estudantes participantes da pesquisa. Contudo, opto por destacar o termo em itálico para registrar, assim como Grada Kilomba (2019), a inconformidade com a ideia do masculino como universal, e a problemática de não encontrar na língua portuguesa outro termo que contenha o mesmo significado.
- [9] Sobre isso, ver: ACCORSSI, Aline; NETTO, Livian Lino; CLASEN, Julia Rocha. Discurso de ódio acerca do jovem: “chama a BM e desce o sarrafo nesse bando de playboy desocupado”. **Revista Temáticas**. V.27, n.54, p. 73-94, Campinas, SP, ago/dez, 2019.